

# BAPTISTA-BASTOS

Entrevistado por Maria Augusta Silva

EXCERTOS DA ENTREVISTA EM MODO ÁUDIO

NOVEMBRO 2002

Começou n'*O Século*. No vespertino *Diário Popular* viveu a grande aventura de um jornalismo que inovou. Este eterno “miúdo da Ajuda”, onde nasceu, continua a lutar contra o esquecimento como o faz desde *O Secreto Adeus*, seu primeiro romance. Baptista-Bastos, ligado também ao cinema (autor, inclusive, do guião de *Belarmino*), gostaria de ver no ecrã o seu *Cão Velho Entre Flores*. Escreve e lê todos os dias. Diz que João Lobo Antunes se revelou em *Memória de Nova Iorque* «um dos grandes prosadores portugueses de raiz clássica». Polémico e frontal, o jornalista, o escritor, é acima de tudo um militante da palavra que se realizou sempre na adversidade.

### **Tem sido feliz numa terra redonda?**

Com altos e baixos. Olhando para os homens da minha geração, tenho a impressão de que poucos chegaram tão perto da felicidade como eu, porque sempre me realizei na adversidade.

### **Encontrou na adversidade alguma coisa de absoluto?**

De relativo. É difícil o homem encontrar absolutos. Jean-François Rével tem um livro que se chama *Nem Marx Nem Jesus*; estou em desacordo.

### **Ficou com Marx ou com Cristo?**

Porque em Marx ainda hoje encontro a causalidade das coisas, sobretudo do comportamento das sociedades e da história. De Cristo interessa-me não a sua divindade mas a sua humanidade.

### **Santo Agostinho diz: «Ainda que esteja errado, existo.» É esse princípio acolhido por si?**

*As Confissões de Santo Agostinho* é um dos meus livros de cabeceira. Prefiro errar com Jean-Paul Sartre do que não errar com Raymond Aron. Gosto do risco. Raymond Aron tem sempre o risco calculado. Sartre arriscava ligando a razão à emoção e a minha vida tem sido isso. Fez-se com vontade e com paixão, alicerces fundamentais da minha vida e daquilo a que se pode chamar a minha obra, tanto nos jornais como na literatura. Mas tenho uma sede de absoluto.

### **Sede de transcendência?**

O homem veio das estrelas e às estrelas vai regressar.

### **Novo romance ao fim de sete anos: *No interior da Tua Ausência* [2003]. Livro de fuga ao envelhecimento?**

Estou a fugir do medo. Não tenho medo do envelhecimento. Tenho pena de não estar.

**Escreve: «Quando não souberes para onde vais, vira-te para saberes de onde vens.» Uma viagem literária para se reencontrar?**

Não tem que ver com metafísica, mas sim com coisas do entendimento comum. É a história de um homem desesperado; falhou tudo em que acreditou e foge ao medo, e o medo tem de se enfrentar.

**Para vencer o medo, ou os medos, tem de saber-se criar coragem?**

É uma das minhas vaidades. Tenho atos de muita coragem.

**Reconhece que é vaidoso?**

Tenho vaidade naquilo que fiz, mas não tenho imediatamente essa vaidade, só anos depois começo a perceber alguma relevância de coisas minhas escritas em condições terríveis. Fui muito cercado.

**A personagem central do livro não tem nome, é um homem ferido...**

Um homem magoado, ou melhor, sim, um homem ferido. Se alguma relação há entre mim e ele, será essa. Aquele homem é marcado por uma década terrível.

**Um homem da utopia?**

Acreditou na solidariedade. De repente acontece a década de oitenta, a década do «eu». É fundamental que as pessoas entendam o novo paradigma das sociedades atuais, que não acontece com o 11 de Setembro, acontece na década de oitenta com Regan, com a senhora

Thatcher e, em Portugal, com Cavaco Silva. Dá-se o culto do individualismo e da competitividade, com tremendos custos.

**O próprio Baptista-Bastos foi sempre um jornalista muito competitivo...**

Não era competição. Era emulação. A competitividade comporta a ideia de não haver regras. O que a década de Cavaco, de Reagan e da senhora Thatcher nos ensinou é que não há limites. A doutrina do «eu» acaba por ser uma ideologia e uma ideologia de direita, criptofascista, que procura afastar a memória.

**Deixámos de nos conhecer uns aos outros?**

A gente mete-se no elevador e ninguém cumprimenta ninguém. Há uma hostilidade permanente; é um ato de beligerância que não sei como se resolve.

**A ausência que traz ao seu novo romance traduz muitas ausências?**

É a ausência do sonho.

**Como vê, hoje, os partidos políticos em Portugal?**

Estão em muito mau estado. Não temos uma falta de elites, o que há é uma demissão generalizada dos intelectuais. A esmagadora maioria dos escritores portugueses escreve livros para ganhar os prémios da APE. Esquecem-se de uma condição essencial: praticar ações que sirvam de exemplos aos outros. Está tudo calado. Os intelectuais portugueses demitiram-se da sua capacidade de intervenção. Estão também no interior de outras ausências, ausentes deles próprios.

**Já ganhou vários prémios, não se sentiu prestigiado com eles?**

Claro que sim. Tenho, no entanto, uma intervenção cívica permanente na sociedade portuguesa, mas há outros exemplos. Poucos, mas há.

**Na sua memória, que imagem lhe surge mais forte e mais nítida?**

A imagem do meu pai a ensinar-me a ver Lisboa. Recordo-me dele a dar-me a mão, no Rossio, e a explicar-me a que luz se viam melhor as ruínas do Carmo.

**No olhar sobre as mulheres, em dados momentos de grande intensidade literária, não acaba por ter presente uma mãe ausente?**

Aquele homem (a personagem principal) não perdoa à mãe o ter morrido. A minha mãe morreu-me era eu criança.

**Personifica muitas ausências a ausência que traz ao novo romance?**

É a ausência do sonho.

**Qual a pior das ausências?**

A de nos ausentarmos de nós. É preciso termos a presunção de que somos úteis, independentemente da idade. Insurjo-me contra uma sociedade que nos afasta e nega.

**Acredita no «milagre do Sol»?**

Acredito no milagre da palavra. Daí o ser muito crítico relativamente a alguns autores consagrados. Também muito otimista quanto a alguns dos novíssimos, em particular o Possidónio Cachapa, cuja prosa, muito cuidada, tem uma alta componente poética.

**A verdadeira paixão da sua vida?**

Isaura, a minha mulher.

### **Vai dizer-me que é um santo?**

Não há santos nem páginas imaculadas.

### **Qual a cor da ternura?**

Se soubéssemos qual a cor da ternura, algumas das nossas perplexidades estavam resolvidas.

### **O povo português nunca conseguirá resolver-se a si mesmo?**

Este povo resolve tudo. Quando partimos para o mundo éramos novecentos mil e metemo-nos em cascas de nozes, absorvemos o que nos tinham ensinado os árabes e os judeus, depois os poderes mandantes correram com eles mas fomos para o mar e demos uma razão de ser a Portugal. Se Portugal não tivesse ido para o mar, se não tivesse agarrado no espigão da língua para a colocar nas sete partidas do mundo, se não tivesse feito o achamento do Brasil, estava condenado como nação, porque Castela tem hegemonias desde sempre, económicas, sociais, culturais e políticas, e abafava o retângulo.

### **Os trabalhadores ainda têm poder de reivindicação?**

A classe trabalhadora é que talvez ainda se não tivesse apercebido do poder que tem. O capital não tem pátria, o trabalho tem.

### **No seu novo romance há uma metáfora curiosa, uma aranha que prefigura a Europa. De que teias não se liberta a civilização europeia?**

A Europa não consegue sair da sua teia porque não encontrou ainda dois ou três altos dirigentes que batam o pé aos EUA. A capitulação da Europa em relação aos EUA, por causa do Tribunal Penal

Internacional, é desacreditante. Mas um dia aparecerá alguém que baterá o pé a essa hegemonia. Não cultivo o desespero. Sou um cético bem informado.

### **Para Goethe, a imobilidade é aceitar a servidão...**

O caminho não é por aí. Imobilizarmo-nos é uma das mais terríveis formas de servidão.

### **Figura marcante do jornalismo português. Sente-se uma estrela?**

Tive uma paixão devoradora pelo jornalismo, tão devoradora e chamejante que, às vezes, ultrapassava a razão.

### **Conjuga essa paixão no passado...**

Porque essa paixão desapareceu-me quando saí do *Diário Popular*.

### **Lidou de perto com uma geração de ouro do jornalismo em Portugal...**

Há dois casos de referência: Acúrsio Pereira, com quem trabalhei, e Norberto Lopes, com quem privei. São, sobretudo, os repórteres que marcam a história do jornalismo. Além de considerar que Acúrsio Pereira foi o maior chefe de Redação do século XX em Portugal. Mas recorde, num plano internacional, o nome de Harrison Salisbury, grande mestre do jornalismo norte-americano, que trabalhou até ao fim da vida no *New York Times* e tinha no seu cartão-de-visita: Harrison Salisbury, repórter.

### **Geriu sempre bem a sua carreira?**

Não. Sou um homem com muito mais defeitos do que os outros homens mas de uma grande generosidade. Os amigos mais próximos e todos aqueles que trabalharam comigo, mesmo os que de mim não

gostam, reconhecem-me essa qualidade. O mérito não é meu. Tive a sorte de conhecer grandes portugueses do século XX que adicionaram ao moço que fui doses maciças de integridade, coragem e honra.

### **Valores que mantém intactos?**

Essenciais. Nunca cortei relações com ninguém por motivos políticos, nem sequer nas minhas relações à direita, eu que sou reconhecida e assumidamente um homem de esquerda.

### **É de extremos, tão capaz de grandes amores como de grandes ódios?**

De ódios, não. Esqueço-me até de zaragatas que tive. Têm-me acontecido episódios destes: *É pá, não falo contigo há uma data de anos!*

### **Ainda é brigão?**

Já não tenho paciência. Mas as coisas não se aquietaram. Mantenho um certo prazer pela polémica. O gosto de interferir na sociedade portuguesa por meio do que escrevo nos jornais e nos livros, as minhas idas à televisão e a debates exprimem o meu estado permanente de inquietação e de busca.

### **Uma busca para tentar decifrar o «jogo de absurdos» em que vivemos?**

Não sei bem o que procuro em mim. Mas sei o que procuro no livro dos outros. Procuro um diálogo; todos os livros são diálogos emprestados. Em Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, em Alves Redol, Aquilino Ribeiro, em Raul Brandão, procuramos respostas. Nunca se encontram. O homem é um ser inacabado.



## **Por que foi tão conflituosa a relação entre si e Vergílio Ferreira?**

Nunca falei com ele. Já morreu e por isso custa-me abordar a questão. Tivemos uma polémica violentíssima. Não gostava de Vergílio Ferreira porque, no meu entender, em momentos decisivos para a sociedade portuguesa, quando a sua voz era necessária, calou-se.

## **Vergílio Ferreira não pôs em causa alguns falsos moralismos da Igreja?**

Tinha um trauma por haver estado no seminário. Recordo-me disto: nos anos sessenta, quando os pescadores de Matosinhos estão em greve, quando está em greve o Alentejo e os estudantes contestam o regime, ele diz: *Não sou comunista e não sou fascista*. Eu escrevi: «O dr. Vergílio Ferreira vai ter sempre direito de dizer o que quiser e eu bater-me-ei por esse direito, mesmo que sejam coisas contra aquilo que penso serem as mais justas.»

## **Não aceita que Vergílio Ferreira possa ter escolhido um rumo independente? Baptista-Bastos também acabou por tornar-se independente ao deixar o Partido Comunista...**

Ninguém é independente. Sou um marxista agnóstico.

## **Os escritores neorrealistas, à parte a linha formal, acrescentaram uma mais-valia à visão do mundo?**

Não direi mais-valia, mas trouxeram gente para a literatura portuguesa que nunca lá tinha estado. As pessoas que falam de certas deficiências no aspeto formal do neorrealismo esquecem-se de que dois dos maiores artistas da língua portuguesa são neorrealistas: Carlos de Oliveira e Manuel da Fonseca.

## **Razões vitais da sua obra literária, agora re-editada pela Asa, sob o título Biblioteca Baptista-Bastos?**

As razões vitais do homem: o amor, a amizade, a ausência, a doença, a morte, a palavra. Sou um fanático da palavra.

## **Como situa a sua escrita?**

Pertenço à tribo dos realistas.

## **Escritores de culto?**

Não gosto do termo «escritor de culto», mas, por exemplo, Teixeira de Pascoaes é, aos meus olhos, um prosador tão grande quanto Raul Brandão (embora relativamente a este a minha descoberta tenha sido mais tarde). De Pascoaes gosto mais do prosador que do poeta; transforma as coisas em mágica e esse é outro dos poderes da literatura. A literatura não faz revoluções, mas ajuda-nos a melhorar como seres humanos sempre que um livro acrescenta qualquer coisa ao nosso conhecimento.

## **Assume-se sem custo como um autor autobiográfico?**

Todos os livros são autobiográficos. Divirto-me à brava comigo próprio. Mas às vezes tenho indignações coléricas e a casa é que paga as minhas iras. Mantenho, no entanto, um grande sentido de humor.

## **Escreve mais de noite. É de noite que se sente a renascer?**

A noite é um outro mundo. Sempre fui um homem da noite, dos bares, dos copos, das tertúlias; todavia, há sete ou oito anos cansei-me da noite, porque deixou de ser um circuito de afetividades para ser uma instância de violência.

## **Por vezes, é insurrecto...**

Insurrecto e insolente. Mas nunca fiz nenhuma sacanice premeditadamente; se o fizesse não dormia, e nunca precisei de sedativos.

### **Ganhou mais juízo a partir de dado momento da vida?**

Vivi com dificuldades de toda a ordem e nunca me queixei, não gosto de bufos de si próprios. Chega um momento em que atingimos um patamar a que os antigos chamavam sabedoria. De qualquer modo, sempre fui um homem sem juízo porque fui sempre um homem não normalizado.

### **Como vamos de autocrítica?**

Tenho uma capacidade de autocrítica que chega a ser sangrenta.

### **É um homem de grande esperança?**

Sou. Um homem, quando quer, consegue tudo quanto quer.

### **A sua vida funda-se naquilo que pode definir-se como uma vida vivida?**

Fui aos sítios. Arrisquei. A minha vida tem sido o prazer do risco. Daí uma experiência transformada em consciência e uma ética transformada em estética, mesmo na maneira de me comportar com os outros e até na forma de vestir.

### **Já usa menos o lacinho e calça mais as pantufas?**

Não sou homem de pantufas. Sou homem de laços...afetuosos.

### **De um sem-fim de reportagens que realizou, alguma o marcou mais?**

Toda a tragédia humana me emociona. Não sei o que é jornalismo distanciado, não contem comigo para essa rábula como se o

jornalista não tivesse nada que ver com o acontecimento e a notícia; como se o jornal não tivesse nada que ver com o jornalista nem com o leitor.

**Depressa e bem não faz ninguém, mas o seu exemplo de jornalista destrói este conceito. Como é?**

Tenho uma formação literária desde miúdo. Tive a sorte de ter grandes professores de português. Depois a sorte de cair na Redação de *O Século* e ali começar o meu percurso com mestres de ouro, alguns nunca assinaram um artigo! Quando fiz dezanove anos ofereceram-me Almeida Garrett, um alumbramento. Em *Viagens na Minha Terra* descubro que Garrett é o primeiro homem do novo jornalismo.

**O facto de, no jornalismo português, ter sido um talento acima da média, tornou-se-lhe um obstáculo?**

Não gostaria de falar disso, mas é assim: neste país, quem mija acima do ombro tem de pagar qualquer coisa. Entendo isso, até entendo a inveja; só não entendo a hipocrisia.

**O raciocínio rápido a que obriga a escrita dos jornais diários foi-lhe útil para escrever livros?**

Para tudo. Fazíamos um jornal em duas horas com a Censura em cima. Isso exigia uma grande rapidez mental. Percebi desde cedo que tinha de fazer andaimes com uma sólida estrutura literária. Daí o meu «comércio» com os clássicos, com os grandes prosadores portugueses. Copio, como toda a gente, em termos de estilos. O velho mestre Camilo foi acusado de plagiar o Padre António Vieira e diz assim: «Eu não copio, eu plagio os grandes mestres.» Um dia, Flaubert disse a Maupassant esta coisa espantosa: «Meu filho, antes de nós tudo já foi escrito; temos de escrever as mesmas coisas, porém, com palavras mais belas.»

## **Como se relaciona com a única certeza da vida que é a morte?**

Tenho o fascínio por um dado mistério que a morte consubstancia, mas tenho medo. Não vou a enterros por medo e não tenho relutância em dizê-lo.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*